

**ECONOMIA VERDE** Encontro busca mecanismo financeiro para conservação

# Serviços ambientais ganham o mercado

CLAUDIO ANGELO  
ENVIADO ESPECIAL A TERESOPOLIS

O capitalismo nunca esteve tão selvagem —no bom sentido da palavra. Começa a surgir no planeta um mercado onde se trocam dólares pela quantidade de animais numa floresta, pelo carbono que as plantas retiram do ar ao crescer ou pela água que as matas ciliares ajudam a manter limpa.

Esse mercado, o dos chamados serviços ambientais, não é delírio de ecossitas. Seus profetas são economistas “mainstream” e cientistas de instituições importantes, como o Banco Mundial, a

do Ambiente daquele país.

Na Austrália, uma empresa chamada Earth Sanctuaries Ltd. tornou-se, no ano passado, a primeira companhia de biodiversidade no mundo a ser listada em bolsa de valores. Seu “business” é recuperar fauna e flora em áreas degradadas e cobrar pela visitação. Seu dono, John Wamsley, famoso por andar com um chapéu de pele de gato — animal exótico que, ao ser introduzido na Austrália, arrasou a fauna—, conseguiu aprovar uma lei que lhe permite incluir animais selvagens como ativo (avaliado em US\$ 24 milhões). As seguradoras também estão

## A NATUREZA TEM PREÇO

Propostas sobre serviços de ecossistemas que deveriam ser remunerados

### Biodiversidade

- 1 O acesso aos recursos genéticos da floresta por parte de empresas farmacêuticas em busca de novos medicamentos pode ser cobrado, e o dinheiro, investido em conservação
- 2 Empresas também podem investir em recuperação de fauna e flora para ganhar dinheiro com visitação e venda de direitos de imagem, como acontece na Austrália

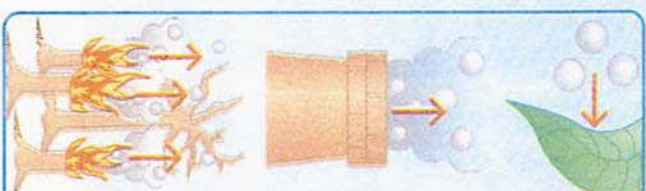


**Proteção de mananciais**  
1 As matas em torno de nascentes são fundamentais para proteger rios contra assoreamento e poluição, garantindo a qualidade da água que é consumida rio abaixo

**Fazendeiros** que têm floresta em suas propriedades poderiam vender esse serviço a empresas de água, que economizariam em estações de tratamento

### Carbono -

- 1 Ao crescer a atmosfera para fotossíntese
- 2 Uma em que emite carbono de alguma floresta por tonelada de sequestrado
- 3 Na Amazônia são provocadas desmatamentos governos estão gerando créditos- evitar o desma



### Paisagem

O mais subidos serviços ambientais, explorável ecoturismo

# Fim da moda financiar conservação



dos Unidos, e a ONG de pesquisas WRI (World Resources Institute).

Os mecanismos pelos quais esses serviços adquirem valor de troca também não são nenhuma mágica: o princípio de tudo é a principal lei da economia, a da oferta e da demanda.

“Coisas como a biodiversidade estão cada vez mais raras. Portanto, faz sentido que se pague por elas”, afirma James Shields, da State Forests, a empresa pública que cuida das florestas do Estado de Nova Gales do Sul, Austrália.

Se você acha a afirmação exagerada, aí vai um dado: o Estado de Nova York (EUA) investiu US\$ 1 bilhão em um projeto de conservação das florestas das montanhas Catskill. Fazendo isso, o governo local espera economizar até US\$ 6 bilhões em estações de tratamento de água, pois aquelas montanhas concentram as nascentes que abastecem o Estado — e a mata protege os mananciais contra poluição e assoreamento.

Na mesma linha, os moradores da cidade paulista de Piracicaba já pagam um centavo a mais em suas contas de água todo mês. O dinheiro banca a recuperação da mata ciliar no rio Capivari.

“Está se descobrindo que manejo sustentável dos mananciais pode ser mais barato”, afirmou Nels Johnson, do WRI.

Johnson faz parte de um grupo de 50 especialistas que se reúne a cada semestre, desde maio de 2000, para buscar instrumentos de valorização dos serviços ambientais e trazê-los para o mercado. Batizado de Katoomba (em alusão à cidade australiana que sediou o primeiro encontro), o grupo, organizado pela ONG americana Forest Trends, teve sua terceira reunião no último fim-de-semana, em Teresópolis, RJ.

## Mercado em expansão

Embora ainda seja difícil definir exatamente o que é um serviço

servação. O inglês Phil Cottle, da empresa Parther Re, procura no Brasil madeiras interessadas num seguro florestal. O único pré-requisito para esse seguro (cujos prêmios, hoje, são de modestos US\$ 70 milhões) é ter o selo do FSC (Conselho de Manejo Florestal, na sigla em inglês). “As pessoas dizem que um seguro florestal contra fogo é inviável na Amazônia, porque chove muito. Bom, eu pensaria então em deslizamentos de terra”, afirma.

## Além de Kyoto

Mas nem só de água e biodiversidade vive o mercado ambiental. Apesar do fiasco do Protocolo de Kyoto, acordo internacional sobre o clima sepultado na última quarta-feira por George W. Bush, o carbono nunca esteve tão próximo de virar commodity.

Diante da falta de mecanismos de governo, o comércio dos chamados créditos-carbono (leia texto à pag. 23) começa a ser implementado de baixo para cima, pela “não invisível” da economia.

“O mercado não depende de jeito nenhum de Kyoto para funcionar”, disse à Folha o economista Antônio Bueno, da Bolsa de Mercadorias e Futuros de São Paulo.

O Fundo Protótipo de Carbono do Banco Mundial é um dos principais fomentadores dessa implementação precoce. Segundo seu gerente, Kenneth Newcombe, o fundo espera ter, até o meio do ano, US\$ 34 milhões investidos em projetos de geração alternativa de energia e sumidouros de carbono. Um deles é o mineiro Plantar, que planta eucaliptos para produzir carvão. “As ações iniciadas mais cedo podem ser reconhecidas um dia, num protótipo futuro”, afirmou Newcombe.

Também interessada no mercado brasileiro de redução de emissões está a empresa americana Environmental Financial Products, que já dá consultoria a três

DO ENVIADO ESPECIAL

Um dos maiores problemas ambientais da Amazônia, o desmatamento feito pelos pequenos proprietários rurais, pode estar a caminho de uma solução. Mas desta vez ninguém vai apelar para a consciência ecológica dos agricultores. A idéia é tocar um ponto bem mais sensível: o bolso.

Uma proposta a ser apresentada ainda este ano ao governo transforma um crédito agrícola em um fundo para financiar a conservação — o primeiro do país.

Na prática, isso significa que os pequenos agricultores, que detêm 15% das terras da Amazônia (e respondem por 30% do desmatamento), teriam parte de sua produção financiada pelos serviços ambientais prestados pela reserva legal de mata de suas propriedades. Um estímulo a menos para

cortar e queimar a floresta.

Batizada de Proambiente, a idéia do fundo ambiental partiu das Fedags (Federações dos Trabalhadores na Agricultura) da Amazônia e foi apresentada por pesquisadores da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e do Ipan (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia), no encontro do Grupo Katoomba, em Teresópolis, Rio de Janeiro.

Ela consiste em modificar o chamado FNO (Fundo Constitucional da Região Norte) de modo a incluir serviços ambientais como proteção de mananciais e sequestro de carbono. “A intenção é passar do sistema tradicional de corte e queima, ameaçado na Amazônia pela concentração de terras, para um sistema de produção agroflorestal permanente”, disse Luciano Mattos, do Ipan.

O FNO beneficia atualmente

600 mil famílias em toda a região.

O crédito é dado pelo Basa (Banco da Amazônia) na forma de um empréstimo para financiar a produção familiar, com um prazo de pagamento de cinco anos.

“Hoje um terço desses produtores está inadimplente, o que, em última análise, é um estímulo ao desmatamento”, afirma o economista Carlos Young, da UFRJ. Para pagar o empréstimo, o agricultor se vê tentado a derrubar madeira, seu bem de maior liquidez.

A proposta do Proambiente é que os agricultores tenham um prazo de carência maior e só paguem uma parte do dinheiro do FNO ao Basa. A outra parte viria de um fundo, a ser criado, que pagaria os serviços prestados pela parcela de ecossistema preservada. Aliviando o agricultor, seria possível financiar outras atividades, como a pesca artesanal e o

manejo de esse

A intenção é que os pesquisadores e produtores partem de 20 tanto, é prioritário para o mercado par

resta, o que r muita gente prar água n recurso (alm carbono seq tamento evi que o gove não resolver piorar, é cop produção de Young ape clientes inst mistério do Banco Mum sairia muito criar uma li difícil uma l milhão voo mlias, em 5

naís, como a áreas (se a m tribuída em degradação As variáveis demais para mercado — maior prob momento. unidade de v experiment biobiodiversid rurais duas v

**Pagando** Uma dessas tecu para i de conserva papagaio ar são dos arrto de arroz que

# Austrália ‘vende’ biodiversidade



Associated Press

DO ENVIADO ESPECIAL

O Estado australiano de Nova Gales do Sul, onde fica a cidade de Sydney, pode ser o primeiro lugar do planeta a tornar a biodiversidade uma commodity.

A idéia é do americano James Shields, que dirige o departamento de manejo de vida selvagem da State Forests of New South Wales, uma espécie de Ibama local.

Jim, como preferer ser chamado, criou uma equação que permite calcular quanto vale a biodiversidade em uma determinada área e usar esse valor em transações comerciais. Dedicar-se ao assunto com um fervor quase religioso. “Minha missão na Terra é criar a unidade de biodiversidade e co-